



Temperatura extrema causa desconforto nos europeus, deixa países em alerta para a Copa de 2026 e muda experiência de torcer nos EUA. Ardor obrigou reservas do Borussia Dortmund a acompanharem partida sob o ar-condicionado do vestiário

Calor do momento

MARCOS PAULO LIMA
Enviado especial

New Jersey (EUA) — Eram 8h19 de terça-feira (24/6). Enquanto escrevo, um ícone com sol e termômetro lado a lado surge na tela em um triângulo vermelho. A advertência na barra de ferramentas do notebook e no smartphone: alerta de calor extremo. A notificação é do governo dos Estados Unidos e se repete quantas vezes forem necessárias. Fazia 39°C naquele momento. A Copa do Mundo de Clubes da Fifa pega fogo e não estamos nos referindo à contagem regressiva para o início das oitavas de final.

O começo do verão no país-sede do novo torneio da Fifa castiga times e torcedores. O cenário na porta das arenas lembra muito mais entradas de parque de diversão na Disney, em Orlando, do que o acesso a um estádio de futebol. O uso de roupas leves é quase uma obrigação. Short, bermuda, camiseta, tênis ou chinelo e boné compõem o look. Ventiladores portáteis com pequenos jatos de água, também, além da garrafinha a tiracolo. Um gole atrás nos jogos diurnos e noturnos.

Os mais dolarizados pagam estacionamento, abrem o bagageiro e transformam a espera pela partida em esquentar com churrasco e bebidas. Algumas famílias levam piscinas portáteis para acalmar crianças antes de guardar a bagagem e passar pela catraca.

O **Correio** catalogou a temperatura nas 11 cidades anfitriãs dos jogos da Copa do Mundo de Clubes. A mínima bateu, em Seattle, no extremo oeste dos Estados Unidos, com 13°C. A máxima, em Philadelphia, com 37°C. “Na prática, a sensação é maior. Moro aqui há 13 anos. O governo dos EUA emite alertas porque, tal como o frio extremo, o calor mata”, testemunha o mineiro Ricardo Stenio, morador do estado de Connecticut. No último sábado, ele foi ao MetLife Stadium torcer pelo Fluminense contra o Ulsan, da Coreia do Sul.

Os termômetros apontam mais de 30°C em oito cidades. O clima está temporariamente ameno em Pasadena, na Califórnia; em Miami, na Flórida; e em Seattle, no estado de Washington. A temperatura média no torneio nos últimos dias ficou na casa dos 32°C. Adversário do Flamengo nas oitavas, o Bayern de Munique perdeu por 1 x 0 para o Benfica na última rodada da fase de grupos sob calor de 36°C, em Charlotte.

Os jogadores inscritos na Copa do Mundo de Clubes da Fifa são cobaias para a Copa de 2026. O calor extremo antecipa o debate climático para o torneio de seleções, de 11 de junho a 19 de julho. O clima é uma das pautas de reclamações na fase de grupos.

“Impossível. Está um calor infernal. Meus dedos doíam, até as unhas doíam, eu não conseguia parar nem começar. É inacreditável, mas como é igual para todos, não tem desculpa”, desabafou Marcos Llorente, do Atlético de Madrid, após a partida contra o PSG.

Richard Pelham/AFP



Meia da Boca Jrs., Carlos Palacios se refrescou do calor com a irrigação do Geodis Park, em Nashville, durante o empate com o Auckland City

Divulgação



Reservas do Borussia Dortmund recorreram ao ar-condicionado do vestiário e fugiram da temperatura extrema

37

jogos dos 63 da Copa do Mundo de Clubes foram ou serão realizados entre 12h e 18h

Derrotado de virada pelo Flamengo na segunda rodada do Grupo D, o técnico italiano Enzo Maresca empurrou o resultado para o clima na sala de conferências do Lincoln Financial Field, na Philadelphia. “Eu sempre tento evitar desculpas, sempre tento ser honesto. Não se trata de desculpas, mas sim da realidade. É uma desculpa quando não está quente, e dizemos que

está quente. Isso é uma desculpa. Mas se está quente, está quente. Mas estamos aqui tentando fazer o nosso melhor”, afirmou.

Inovação

O Borussia Dortmund usou as redes sociais para manifestar o descontentamento na vitória contra o Mamelodi Sundowns da África do Sul. “Os nossos reservas assistiram ao primeiro tempo de dentro do vestiário para evitar o sol escaldante no TQL Stadium — nunca vimos isso antes, mas neste calor, faz todo o sentido”, dizia a legenda no Instagram. Alguns acompanharam a etapa final protegidos por guarda-sol. Outros, no banco de reservas.

“Sempre pensamos em como podemos ajudar, minimizar a

influência negativa. Estava muito, muito quente. Tínhamos bastões de resfriamento para refrescar os jogadores. Eles estavam esperando no vestiário com ar-condicionado. Não se trata apenas de tática, mas de minimizar a carga, minimizar o estresse. O estresse já é alto o suficiente”, justificou o técnico croata Niko Kovac, auxiliado por um intérprete após o 4 x 3 contra o Mamelodi.

Na última segunda-feira, o Corpo de Bombeiros de Miami soltou comunicado nas redes sociais para que os torcedores de Inter Miami e Palmeiras tivessem cuidado com o calor extremo, e estabeleceu diretrizes de segurança para o duelo entre Chelsea e Espérance.

A Fifa tem seguido rigorosamente o protocolo de saúde. As diretrizes determinam pausas quando a

“Tínhamos bastões de resfriamento para refrescar os jogadores. Eles estavam esperando no vestiário com ar-condicionado. Não se trata apenas de tática, mas de minimizar a carga, minimizar o estresse. O estresse já é alto suficiente”

Niko Kovac,
técnico do Borussia Dortmund

temperatura de bulbo úmido — um composto de fatores como clima e umidade — atinge 89,6°F, o equivalente a 32°C, justamente a média dos últimos dias nas cidades da Copa do Mundo de Clubes. As pausas são entre os minutos 30 e 75. A final olímpica de Pequim-2008 entre Nigéria e Argentina inaugurou o procedimento a 41,5°C.

A entidade máxima do futebol se manifestou em nota no último dia 18 sobre as críticas ao horário das partidas. “Os especialistas médicos da Fifa estão em contato constante com os clubes para cuidar da gestão do calor e aclimatização. A Fifa também estabeleceu oficiais médicos nas sedes para trabalhar em cooperação com as autoridades locais em questões de saúde, incluindo o enfrentamento ao calor”, afirma o comunicado.

Como a expertise dos times pode ajudar seleções

A 350 dias da tradicional Copa do Mundo, as seleções precisam incluir o calor no sonho do cobijado título. Das 11 cidades-sede do torneio de clubes, cinco também serão anfitriãs no próximo ano: New Jersey, Philadelphia, Atlanta, Miami e Seattle. Portanto, a experiência das comissões técnicas dos times podem ajudar no planejamento. O evento será compartilhado com o Canadá e o México. Consequentemente, muitas variações climáticas.

Uma pesquisa liderada pela Queen’s University Belfast usou 20 anos de dados meteorológicos para mostrar o quão quentes os estádios ficam durante um verão médio. O estudo usou o termômetro de bulbo úmido, adotado pela Fifa. A medida de estresse térmico combina calor e umidade. Cidade do México e Vancouver são as únicas onde a temperatura não passou do limite potencialmente perigoso de 28°C. Em quatro, pode atingir o limite na Copa

do Mundo de 2026, ou seja, 32°C.

Em um ano normal, mais de 80% dos dias de junho e julho excedem 28°C em Dallas, Houston e Miami. “O início da manhã ou o fim da noite seriam melhores na maioria dos locais”, alerta o cientista climático Dr. Donal Mullan. “Se eu fosse dar um conselho à Fifa, eu diria para evitar as tardes, das 12h às 18h. Isso reduziria enormemente o risco de calor extremo”, recomenda o especialista.

A Fifa projetou três dias de

descanso para cada seleção na Copa de 2026. Mesmo assim, o médico reforça o apelo a Gianni Infantino. “Eles voltarão para o calor escaldante, então há um risco para os espectadores, bem como para os jogadores e árbitros”, reforça Mullan.

“Agendar jogos em estádios sem sombra, às 12h, e promover patrocinadores dependentes do petróleo, mostra que a Fifa está perigosamente alheia à ameaça que o calor extremo representa para seus

principais torneios de verão”, criticou Peter Crisp, do Fossil Free Football, engajado em eventos esportivos sem patrocinadores poluentes do meio ambiente.

Um dos trunfos do Brasil na caça ao hexa é o conhecimento de causa do técnico italiano Carlo Ancelotti. Em 1994, era auxiliar do técnico da Squadra Azzurra, Arrigo Sacchi, e sentiu na pele os efeitos do calor extremo nos EUA na campanha do vice. (MPL)

Cinco perguntas para...

MORACI SANT’ANNA,
PREPARADOR FÍSICO DO BRASIL NA CAMPANHA DO TETRA NA COPA DE 1994

Como você ajudou a Seleção a lidar com o calor extremo na campanha do tetra?

A primeira providência foi chegar com um pouco mais de antecedência para ter uma aclimação ao calor nos Estados Unidos. Aqui no Brasil é o inverso nesse período, inverno. Fizemos 15 dias em Teresópolis dando ênfase à parte física e chegamos nos EUA com 23, 24 dias de antecedência.

O diálogo com Parreira e Zagallo foi fundamental?

O nosso planejamento, desde o primeiro dia, era treinar no horário do jogo. A nossa atividade era às 12h e fomos nos aclimatando a esse calor na época, da mesma forma como está quente agora também. A segunda providência acordada com eles foi fazer a alimentação de manhã igual a dos dias dos jogos.

Qual foi o passo mais difícil?

A terceira, e mais importante, foi a questão da hidratação. Colocamos na cabeça do jogador que ele tinha que se hidratar o máximo possível, não somente na hora da partida. Era no treinamento, durante o treinamento, pós-treinamento, e assim também nos jogos.

O Brasil foi campeão, mas até que ponto a fórmula anticlor deu certo?

Não quer dizer que você não sofre, mas sofre menos. Você se adapta, se aclimata a essa situação. Conseguimos administrar bem isso durante a Copa. Sentimos o menos possível. Isso para nós foi muito importante. Quando a Copa começou, nós estávamos adaptados.

Quando você teve a certeza de que o plano havia sido um sucesso?

Nos últimos três jogos. Nas quartas, na semifinal e na final, nós jogamos com temperaturas acima de 40°C. Contra os EUA também, nas oitavas. Acho que estava 42°C. Então, os últimos quatro foram assim.

O clima dá vantagem aos brasileiros contra europeus?

Estão pensando para o lado europeu o fim da temporada e o calor. Uma somatória. Está sendo o contrário de quando a gente ia para Tóquio. A gente saía daqui no calor do Brasil para enfrentar um frio danado lá no Japão. Isso pode favorecer os brasileiros nesse sentido. (MPL)